

MANHÃ

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

COLLABORADORES DIVERSOS

Anno I

Publicação semanal

Num. 13

Assignat. por mez 500 rs.

Desterro, 27 de Junho de 1886

Pagamento adiantado

Apezar de ser este o 1º n. de Julho, avisamos aos Srs. Assignantes que se vae proceder, desde já, á cobrança das mensalidades.

COLLABORAÇÃO

Ainda a instrucção

Si ha objecto que mais deve merecer a attenção dos poderes competentes, é, sem duvida nenhuma, a instrucção publica primaria, nascente d'onde deriva-se a lymphá que dá existencia aos amplos mananciaes dos conhecimentos humanos.

O deleixo em que tem cahido esta nobre instituição, o pouco caso que d'ella se faz, tem poderosamente contribuido para o triste estado em que a vemos.

O professorado não representa, como deve, na nossa provincia, uma classe honrosa, digna do respeito e da consideração que merecem os seus difficeis e nobres serviços em prol do progresso intellectual.

Constantemente explorada, surgem de dia para dia innovações que a vão tornando cada vez mais desprestigiada.

Despende a provincia com a instrucção publica talvez a terça parte dos seus rendimentos; no emtanto, é vergonha dizermos, os resultados não compensam este enorme sacrificio, e d'elle muito pouco se aproveita o povo.

Escolas existem apenas frequentadas por 2 e 4 alumnos, ao passo que seus respectivos pro-

fessores, seguros da sua impiedade por falta de severa inspecção, ou por conveniencia politica, continuam vergonhosamente a usufruir o suor do povo sem que uma voz se levante para profligar tamanho crime.

Exemplos tristissimos que nos são conhecidos, vêm em apoio desta nossa asserção.

Abundante mina de preciosos valores politicos, como uma vez já o dissemos, só se lembram da instrucção publica quando interesses de partido exigem alguma reforma; como, porém, estas não são ditadas por verdadeiro espirito de progresso, em lugar de a elevar aquelle aparato que é merecedora, só servem para a abertura de brechas que dão ingresso a profanos, a analphabetos.

Antigamente contava-se no professorado primario moços intelligentes e assaz illustrados como um Silvio Pellico, um Ramos Junior, um Alfredo Costa e tantos outros.

Hoje quem, possuindo as habilitações d'aquelles, se quererá sujeitar ao nivelamento indecoroso com ignorantes, com nullidades?

Os poucos bons que ainda restam, tragam calados o ultraje e pacientes esperam embalde por um messias que os venha desaffrontar.

As nossas palavras, estamos certos disto, ou passarão despercebidas, ou, como a debil aragem, apenas um momento impressionará os embotados ouvidos; mas não importa. Como a branda e molle agua, cahindo constantemente na dura rocha, abre nella profundos sulcos, assim tambem a nossa voz achará

um dia echo n'algun coração, inspirado pelo dever, pelo bem commum.

S. Francisco, 10—6—86.

TOGASINA.

A rosa e a borboleta

(Traducção)

O reino animal é de uma ordem muito superior ao vegetal. A borboleta é mais bella e mais bem organizada do que a roza. Vêde a rainha das flôres, formada de porções esphéricas, tintas com a mais rica das côres, realçada por uma folhagem do mais bello verde e balouçada pelo zephyro; a borbolêta a excede ainda na harmonia das côres, das formas e movimentos. Considerai com que arte são compostas as quatro azas com as quaes ella vôa, a regularidade das escamas que a cobrem como de uma plumagem, a variedade de seus brilhantes matizes, as seis patas armadas de garras com que reziste aos ventos emquanto repousa, a tromba enrascada de que se serve para tirar o alimento do seio das flôres, as antenas, órgãos delicados do tacto, que corôão sua cabeça, e a admiravel redezinha de mais de doze mil olhos que a rodêa. Porém, o que a torna mui superior á roza, é o possuir ella, além da belleza das fórmãs, os sentidos da vista, ouvido, olphato, gosto, movimento e vontade: emfim possuir uma alma dotada de paixões e intelligencia. E' para alimentamental-a que a roza entreabre a doce côpa de seu seio, e para proteger seus óvos que como um bracelête lhe circumdão os ramos, é que ella se rodêa d'espinhos. A

roza não vê nem ouve a creança que corre para colhê-la, mas a borbolêta que sobre ella pousa, escapa á mão preste a agarral-a, eleva-se nos ares, baixa, afasta-se, approxima-se; e, depois de ter zombado do caçador, desprende o vôo, á buscar sobre outras flôres mais seguro abrigo.

D. S. S.

(*Harmonies de la nature*).

PHOTOGRAPHIA

ESTHER FORMIGA

E' mesmo assim que eu gosto de vê-la, mesmo assim debruçada á janella ou, á fresca das tardes silenciosas, brincando á frente da sua casa. Gosto de vê-la como a todas as crianças quando brincam, quando fallam, saltitando pela arêa entoalhada de rosas brancas e madresilvas como, passaros extranhos, d'outras plagas de luz, d'outro mundo de cousas mais raras.

Gosto das crianças loiras, dessas muitas esperanças que andam por ahí dispersas, a voar, embriagadas em sonhos, anciosas de caricias, com as cabecinhas doudas de chimeras, palpitantes de luz.

Esther é uma dessas crianças loiras—possue tudo o que é de bom e honesto. Nos olhos, naquelles dois diamantes engastados n'umas palpebras pequeninas, rosadas, tendo por cima, em curvas, um par de sobranceiras macia como velludo, mora-lhe uma vivacidade extraordinaria, uma continua lampejação de sol, um esplendôr cheio das maiores doçuras. Da frente cae-lhe uma sympathia profunda como do rosto de uma santa onde se reflete a luz dos cadellabros n'uma noite de festa.

Brinca-lhe sempre, seguidamente, um sorrisinho limpido, feiticeiro, na sua boquinha bem feita, muito bem contornada, toda vermelha como um botão de rosa entreaberto onde as borboletas brancas de azas salpicadas de ouro costumam beber a essencia immaculada das suas petala-

las, n'uma tarde azul, serena, de uma tranquillidade alegre. Quando ri, nos lados das suas faces cheias, muito cheias e com uns leves tons de rosa como duas metades de maçã madura, em linha recta a separação dos labios, profectam-se duas covinhas, enchendo-lhe de uma graça immensa, arrebatando a gente provocando uma revoada de beijos innocentes.

Seu cabellinho curto, todo assitnadoe loiro, parece feito de gema de ovo cozido, que dar-lhe uma graça ingenua e uns *tics* de raça allemã, recordando as balladas de Gœthe.

Ella uza vestidinho curto, de fôfos e pegamentos, acima dos joelhos grossos, deixando apparecer um par de calças brancas, que tapa-lhe até meio as perninhas opprimidas n'umas meias de lã, com listas de varias côres, formando anneis.

Seus pais vivem completamente alegres, satisfeitos, porque nella vêem o mais vivo, o mais palpitante esplendor das suas almas unidas, dos seus corações nobres. Sim, quem tem em casa uma criança como essas que ha por ahí, contentes, gostando de brincar, não pôde dispensar-lhe senão carinhos, não pôde deixar-lhe sem uma porção de beijos.

Contando apenas sete annos e poucos mezes, pecurruchita ainda, muito franzina e delicada de tudo, ella enche-nos da mais largar sympathia, attrae-nos heroicamente, fascina-nos o olhar, sempre transbordante de sorrisos, cantarolando sempre como um passaro a bater azas doiradas á luz do sol que vibra pelo o Azul a cima.

Ella parece uma dessas crianças olympicas, nascidas nas tunicas escarlates de uma aurora de Abril—Possue tudo o que é de bom e honesto.

A. F.

NOTICIARIO

Acham-se abertas as inscripções para os exames de preparatorios até o dia 30 d'este mez.

PROFESSOR DE ALLEMÃO

Recommendamos aos jovens estudiosos e aos srs. paes de familia o Illm. Sr. Ernesto Ule que vem residir em nossa Capital com o fim de leccionar a lingua allemã.

Tendo nós a satisfação de entretermos estreitas relações de amizade com o Sr. Ule, sentimos grande prazer em attestar que, a par de seus grandes conhecimentos sobre a lingua que fallaram seus antepassados, possui o Sr. Ule essa facilidade no ensino e a facil comprehensão, qualidades essas tão necessarias a quem se impõe ao elevado cargo de professor.

Esperamos a coadjuvação de nossos collegas — estudantes, caixeiros e artistas — muito principalmente a dos segundos, em cujas occupações tão precisas lhes é o conhecer pratico ou theorico do idioma dos Schillers, Gœthes, Lessings e d'outros.

Jornal

Fomos obsequiados com a honrosa visita do *Pequeno Jornal* periodico imparcial e noticioso que se publica em Guaratinguetá, do qual são proprietarios os Illms. Srs. Arthur de Macedo & Comp.

Além das mui variadas noticias que traz, é a sessão litteraria occupada por pennas que bem attestam as expansões intellectuaes dos que nasceram sob os raios solares que illuminaram os Feijós, os Andradas, os Carlos Gomes e outros muitos genios.

A *Manhã*, apezar de considerar-se como vivendo no infimo grão do mundo jornalístico, pede, comtudo, licença ao

illustrado collega para retribuir-lhe as visitas com que nos honrar.

Fomos obsequiados pelo Illm. Sr. Dr. Americo F. da Cunha com um convite para irmos, a 17 d'este, examinar a machina *Fichet*, que tem de servir ás extracções das loterias de nossa Provincia.

Motivos de saudo impediram-nos de comparecer a tão delicado chamado.

Baseando-nos, porém, na opinião criteriosa da *Regeneração* estamos convictos que, pelo trabalho claro da dita machina, nenhuma duvida offerecerá nas extracções, ainda mesmo aos espiritos mesquinhos e mal intencionados.

Consta-nos que hoje sahirá á luz um novo jornal, redigido pelo nosso amigo Francisco Margarida e outros intelligentes moços catharinenses.

A Republica do Bosto

(Continuação)

Que ditoso viver o daquelle tempo! As saudades e a falta da familia ausente me eram minoras pelas convivencias de tão bons amigos. Os arrufos, que os havia ás vezes, eram acabados depois de discussão e mutuos desabafos, e, infelizmente, era eu quasi sempre um dos arrufados, porque este meu genio é muito susceptivel.

Dias depois veio do Desterro a familia do commandante Natividade, cuja virtuosissima e alegre Sra. era irmã do Alfredo. A familia, a instancias minhas, occupou os aposentos vasilios da *republica*, que por isso concentrou-se no quarto de dormir.

Deu-se um baile na sala grande.

Preparando a sala, dizia o Alfredo todo satisfeito:

— Isto vai estar uma *flamancia*, verão!

O Fausto não quiz assistir porque não se tinha convidado a sua «lourinha». No outro dia isso foi motivo para *cahirmos á perna* ao Fausto.

O Alfredo levou esses oito dias entretido com os sobrinhos, que levava ás vezes para o seu escriptorio da rua Ludovico.

Com a retirada da familia Natividade, que bem saudosos nos deixou, volveo a republica ao antigo estado e retomou as antigas possessões.

Por esse tempo tambem veio entristecer-a a retirada de Fausto e de Estelita para S. Francisco. O Alfredo acabava de alugar uma casinha no porto para onde tratava de mudar-se.

Continuavamos, entretanto, no antigo viver e Mario e Zêca tornavam-se mais assíduos.

Além das horas do almoço e do jantar, o Alfredo voltava á republica de noite para dormir; o resto do dia ia para a sua casa, onde eu ia muitas vezes. O Mario, apesar de empregado na collectoria, ia duas vezes antes do meio dia á republica, e o Zêca fazia outro tanto, logo que lhe dava occasião o serviço do escriptorio commercial de seu pai.

Uma occasião entrou o Alfredo na republica:

— O' Bastos, sabes? Vou mudar-me hoje para a casa do porto; vou passar tambem a dormir lá. Olha, logo de tarde mando uma carroça cá buscar a cama, o bahú e tudo que fôr meu, ouviste?

Hiria entristecer-me aquella mudança; estava já tão acostumado com a sua companhia que custava a separar-me della. Elle comprehendeu isso; mostrou-me a conveniencia de não deixar durante a noite a casa sosinha. Tive que ceder com um pezar immenso.

A tarde chuviscava um pouco, e aquelle empardecer humido e triste me fez saudades da familia e da terra em que a deixara. Eu tinha então muitas recordações do meu viver d'outr'ora. O grupo querido da familia ausente e a idolatrada imagem de minha mãe faziam-me chorar muitas vezes.

Os amigos tambem me despertavam muitas lembranças queridas. E a serena imagem de uma moça que eu amára tanto parecia-me antever por entre o humido véo da minha solitaria tristeza. Estava a pensar assim quando parou defronte a carroça que vinha buscar o que era do Alfredo. Fiz embarcar o colchão que enrolava cobertas de cama e os travesseiros; o bahú sem chave, algumas roupas sujas, um par de botinas, chinelos e outras cousas. Hia ficar sosinho com o calado Niemeyer! Depois que tudo foi-se fiquei só e recahi na antiga melancholia. Parecia-me que com a sahida do Alfredo se acabaria para mim a assidua companhia dos amigos, pois via que elle era, e não eu, o centro em roda do qual todos nós nos reuniamos.

A's 6 horas entra elle.

— O' Bastos, não veio a carroça ainda?

— Ha muito tempo! Já foi tudo.

— O que dizes?! Pois ainda não chegou lá! Ha mais de uma hora que espero!

— E' exquisito!

— Pois fallei bem claro ao carroceiro: vá lá na Estação e o Bastos que lhe entregue uns objectos, e você leve-os para a minha casa; sabe aonde é a minha casa? — Sim, me respondeu o carroceiro. E até agora aquelle bostifero ainda lá não appareceu!

— Etão já deve lá ter chegado agora.

O Alfredo sahio. Quiz, porém, passar pela rua Ludovico, donde acabava de mudar-se.

Cahia a noite e a chuvinha cessára por instante.

Ao passar pela casa que deixava, lança-lhe um olhar de despedida, mas tão infelizmente o fez que tropeça em um volume que elle não reparára na rua e cahe sobre esse objecto que lhe pareceu um homem deitado. Levantou-se logo, e apesar da nascente escuridão da noite poude ver que o objecto não era um homem; avista ahi outras cousas: um bahú, uma camisa, ceroulas, lenços...

— O que é isto?!

Com a ponta dos dedos, com o escrúpulo natural com que se pega em uma roupa suja que se encontra n'um monturo, ergueu elle a camisa. De repente exclama:

—A minha camisa! o meu balthú!! o meu colchão!!!

Fizera-se-lhe a luz. Estava tudo explicado. O carroceiro, suppondo que Alfredo ainda morava nessa casa, para ali conduziu a carroça; esperou-o, como não viesse entendeu deitar tudo na rua.

O Alfredo ficou furioso.

—E agora?! e agora?! Carroceiro burro, burro! immundo, bostífero, canalha! Isto só cadêa nesse immundo! Tudo molhado!.. Ah! como estão as minhas pobres botinas! E o diabo dessa velha que está ahí não vio isto?

E foi bater na casa contigua a que elle deixára, mas a mulher, a tal velha, só fallava-lhe em alleluia, e o caso ficou no mesmo e o Alfredo cada vez mais irritado. A custo arranjou dous sujeitos que lhe levaram os objectos para a sua casinha do porto.

No outro dia o caso servio de assumpto para boas gargalhadas em casa d'elle, onde, pelas quatro horas, estava reunida toda a troça.

Joinville, Junho de 1886.

(Continúa)

Album de homens illustres

(brazileiros e europeus)

CONSELHEIRO SILVA MAFRA

De Minerva, de Thomis e d'Astréa amado

Sympathico Jurista apreciado
Por seus conhecimentos seu trabalho
Adornou com corda de carvalho
O Monarcha Brasileiro venerado:

Ao Conselho do Imperio foi chamado,
Sendo eleito do povo, e brando orvalho
Manou do Ministerio seu, não falho;
Mas vencedor das crises no passado...

De novo o elege o Povo Patriota
Para represental-o na Assembléa;
Mas esta dissolveu questão bem nota:

E agora nos comícios onde allêa
Seu nome a Provincia, uma derrota
Indigno a quem quer Senador Dicéa!..

Desterro, 5—5—86.

FRANC DE PAULICÉA.

João F. DE SOUZA COUTINHO

Inspirado do Genio da Harmonia.

Illustrado cultor da melodia
Cultivando as sciencias, artas bellas,
Dotado de talento e amor por ellas,
Distingue-se na Musica harmonia.

Distingue-se ainda mais nos sendo guia
Dos negocios do Fisco e em leis singellas
Da Provincia natal, e além d'aquellas
Na Governamental Secretaria.

E, mais tarde, ancião condecorado,
Exerceu entre nós a Presidencia
Sempre digno, e affavel com agrado:

Tinha grandes virtudes e excellencia:
Foi por isso de todos, estimado,
E deixou-nos honrada descendencia!

Desterro, 5—5—86.

FRANC DE PAULCÉA.

BARÃO DA LAGUNA

JESUINO LAMÉGO COSTA, BARÃO DA LAGUNA E SENADOR DO IMPERIO

Catharinense distinctissimo, que por suas virtudes, por seu character franco, leal e humanitario e por seu heroismo, soube sempre, desde verdes annos, captar a confiança de sua patria, de seus numerosos amigos e comprouvicianos.

Nasceu a 13 de Setembro de 1811 e falleceu a 16 de Fevereiro de 1886.

Admittido ao serviço da Marinha Nacional em 1° de Setembro de 1826, serviu activamente até 14 de Dezembro de 1876, data em que se refermon no posto de Almirante.

Em 1860 tomou assento na camara dos deputados, em 1863 teve o titulo de Conselho, em 1871 foi agraciado com o titulo de Barão da Laguna pelos relevantes serviços prestados durante a guerra do Paraguay e em 1872 tomou assento no Senado. Era condecorado com as medalhas do Toneleiro e Rio da Prata e diversas ordens. No estrangeiro foi tambem seu nome distinguido.

N'elle perdem a familia o extremoso chefe, a patria um solícito lidador, a provincia o seu mais nobre e distincto advogado, e os amigos o Amigo sincero e verdadeiro!

Desterro, 25—5—86.

J. M. DUARTE.

HOMENAGEM Á MEMÓRIA DO BRIOSO, INCLITO—ALMIRANTE BARÃO DA LAGUNA

Roubados pela morte vão desaparecendo uns após outros os vultos gloriosos d'esse colosso que se chama—Brazil.

Com effeito foi-se-lhe pouco a pouco amortecendo a luz que n'esta vida o guiava.

Jesuino Lamego Costa, na lista civil assim se chamava, Senador do Imperio, Conselheiro, Almirante, Barão da Laguna, titulos estes, no escolio official, que o inclito almirante os soube conquistar!

A Illustrada Marinha Brazileira, na lamentada perda de seu brioso e valente guerreiro faz lembrar o grande Heróe das fileiras Prussianas—«Blücher, que de simples soldado elevou-se ao mais alto grão—«Marechal de Campo».

Barão da Laguna era um brazileiro de outras eras, simples, modesto e bom.

A sua agonia foi breve.

Morren serenamente como morrem os justos na propecta idade de 75 annos, dos quaes meio seculo consumido no serviço da patria.

E' este o seu melhor titulo de gloria.

Descance em paz o Barão da Laguna.

Desterro, 24—2—86.

A. FREE-LIFE.

VICTOR MEIRELLES

Ao EXIMIO PINTOR VICTOR MEIRELLES, GRANDE DIGNATARIO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA

Niti ad immortalam gloriam

Cic.

O Genio da Pintura bafejou-te
No teu berço mimoso Catharino.
Uma sorte brilhante, um bom destino
O de primar nos dons com que adornou-te.

Os talentos sublimes, que dotou-te
Soubeste cultivar com excellencia
Obtendo na Mãe Patria a proeminencia
E a admiração que o mundo tributou-te

E's Gloria do Brazil!.. Dás morte e vida
Aos filhos de teu genio sublimado!
Na tela a respirar aura sublime

Renovas os heróes de seu passado
E os da idade actual reconhecida
Resurgem só por ti vencendo o Fado!..

Desterro, 8—5—86.

FRANC DE PAULICÉA.